



“

**Arioaldo Zani**  
é médico veterinário,  
vice-presidente  
executivo do  
Sindirações, diretor do  
Departamento de  
Insumos/DEAGRO/FIESP,  
diretor do Colégio  
Brasileiro de Nutrição  
Animal, professor de  
MBA Agronegócio  
– PECEGE/ESALQ/USP e  
membro do Conselho  
Consultivo SESI/SENAI.

# O “GALO” subiu no telhado!

O sucesso de qualquer organização com fins lucrativos depende da sustentabilidade do respectivo negócio e da disciplina financeira, ou seja, da moderação, inclusive, nos períodos de prosperidade, já que a percepção de segurança dos agentes financiadores, fornecedores e clientes, é modulada, em boa medida, pelo cumprimento do prazo na entrega das mercadorias e da liquidação das faturas, conforme contrato estabelecido pelos envolvidos.

A delicada conjuntura econômica predominante atualmente, faz a cautela sobrepujar qualquer atrevimento, uma vez que o risco de guinada para um cenário mais desfavorável pode comprometer sobremaneira outros elos da cadeia e estabelecer um ciclo vicioso que já inquieta agricultores, criadores, abatedouros, frigoríficos, fornecedores, varejistas, consumidores e até o Governo.

O contexto contemporâneo, inclusive, retroalimenta a apreensão dos grandes exportadores brasileiros, por causa do auto impedimento imposto pelo Ministério da Agricultura, por motivos sanitários, ao frango direcionado à União Europeia e pelo embargo dos russos à carne suína, frustrados com a hesitação envolvendo a importação de trigo e pescado. É flagrante reparar também a asfixia financeira dos empreendimentos independentes, abatidos pela anabolizada taxa de juros para financiamento do capital de giro e para investimento nos imprevisíveis desembolsos para cumprimento das “inovações” regulamentares emergentes, dia a dia.

Embora o desequilíbrio logístico entre o armazenamento físico do grão e a geografia da demanda é reconhecido, a mais recente elevação do preço do milho vem sendo considerada especulativa, principalmente quando confrontada com o suficiente estoque sazonal disponível. Essa circunstancial majoração, combinada à inconveniente depreciação do valor pago ao animal vivo, compete ainda mais na corrosão da rentabilidade de avicultores e suinocultores. Essa relação, tão desfavorável em meados de abril, exige 80% mais frango para o avicultor paulista comprar a mesma quantidade de milho de um ano atrás. O suinocultor mato-grossense, por sua vez, opera com prejuízo médio de R\$ 70,00 por animal de 100kg abatido.

Lamentavelmente, esvaiu-se a expectativa de que a persistente gangorra agropecuária (preço do milho ou frango/suíno, lá em cima ou lá embaixo, em alternância à cada estação) contribuísse didaticamente na convergência harmoniosa de boas intenções para mitigação dos efeitos colaterais. Ao contrário, as divergências persistem, pois, criadores não tencionam garantir antecipadamente os preços futuros e agricultores dizem não encontrar estímulo na época do plantio.

A reflexão exposta até aqui tenciona exortar as empresas do setor quanto aos riscos e consequências da hipotética, mas, perturbadora possibilidade da recuperação judicial. A medida é legal e, sobretudo, objetiva a superação da crise, permitindo a continuidade da atividade econômica e a preservação dos empregos, muito embora e invariavelmente, tenda a gerar grande insegurança e até suscitar receios, quando suspeita de oportunismo.

Evidentemente se o cliente não paga o fornecedor, este fica sem capital para saldar as dívidas com os outros e assim por diante, seguindo o famigerado efeito cascata. Exercitando a memória e relembando do passado relativamente recente, o ano de 2012 foi caracterizado por um estado de pendência dos devedores com o restante da cadeia, e credores diante de montantes não corrigidos e parcelamentos a perder de vista.

A mesma abordagem continua atualizadíssima, pois, a hipotética persistência de fatores concomitantes durante o primeiro semestre (alto custo de produção e operação, preços demasiadamente pressionados e exportações interrompidas) antecipa razoável turbulência e legítima a necessidade de muito mais diálogo entre todos os elos envolvidos.

Indubitavelmente o setor já passou por vários ciclos de expansão e retração, mas sempre se valeu da oportunidade para avançar e inovar, e constituiu-se um dos principais pilares econômicos do Brasil. Agora, contudo, vive tensionado diante da fragilidade de alguns empreendimentos mais expostos aos efeitos da recente reorganização econômica e dos outros fatores citados anteriormente.

Já passou da hora de envidar conjuntamente os esforços para mitigação de qualquer possibilidade de contágio dos demais elos da cadeia produtiva e de refletir sobre o contexto e a multiplicidade de razões, que há tempo, impactam a coletividade de empreendedores do setor.